

1914 - Uma encruzilhada da história

ELMO VASCONCELOS^(*)

O atual ano de 2004 marca os noventa anos de um grande acontecimento histórico: o início da 1ª Guerra Mundial. Há na história, datas e fatos que possuem um grande significado. Marcam o começo ou o fim de um período histórico. São acontecimentos que servem como verdadeiras linhas divisórias, provocando verdadeiras rupturas históricas e se apresentam aos olhos do historiador de uma maneira inconfundível. O ano de 1914 é uma dessas datas. Marca o início da Primeira Guerra Mundial, o acontecimento mais importante desse século, ao nosso ver, pelas consequências que gerou. Também marcou o fim de uma época e o começo de outra. Para compreender todo o seu significado necessário se faz voltar os olhos ao passado e fazer um mergulho na história da Europa, principalmente a Europa Ocidental. Ela foi responsável pela dissolução de monarquias e impérios. O mundo que dela emergiu foi diferente, valendo ressaltar a formação do primeiro Estado socialista. Primeiramente é importante lembrar que no primeiro decênio desse século, a Europa vivia uma época de grande prosperidade, fruto principalmente da Revolução Industrial, iniciada no início do século XIX.

A revolução industrial

Iniciada no fim do século XVIII, na Inglaterra, espalhou-se depois pela Europa e pelo resto do mundo, no fim do século seguinte. Foi o acontecimento não-político mais importante da

^(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

idade contemporânea. Constitui-se na maior revolução tecnológica da história. Vale a pena lembrar que antes dela tudo era produto do esforço físico dos homens ou dos animais. Com o advento da máquina, o homem libertou-se dessa contingência. A RI mudou as condições materiais de vida do homem e com o tempo provocou profundas transformações econômicas e sociais. Como já dissemos, a revolução industrial iniciou-se na Inglaterra por várias razões. É importante lembrar antes de tudo que foi precedida pela *Revolução Comercial*, ocorrida no século XVI, com as grandes invenções e os descobrimentos marítimos, acontecimentos que fizeram desenvolver o capitalismo comercial e ocasionou o surgimento de uma classe de comerciantes ativos e empreendedores. A Inglaterra beneficiou-se muito com esta revolução. Sua burguesia tornou-se forte e poderosa, tendo tomado o poder já em 1687, através da Revolução Gloriosa. No século XVIII, a Inglaterra já era a primeira nação capitalista do mundo. Outros fatores podem ser arrolados: A abundância de capitais ganhos no comércio e na exploração do seu grande império colonial; a existência de uma poderosa frota mercante; a existência de grandes depósitos de carvão; um governo que imprimia moralidade aos negócios públicos; uma religião que estimulava o trabalho e a poupança.

A 1ª fase da Revolução Industrial – O primeiro setor atingido pela Revolução Industrial foi o têxtil. É importante lembrar que a população da Europa estava aumentando, em razão do alto índice de natalidade. Neste período, a procura de tecidos para roupas era muito grande, especialmente tecidos de algodão. A população inglesa em 1800 era calculada em 9 (nove) milhões de habitantes. A população francesa era bem maior, 26 (vinte e seis) milhões. Apesar dessa diferença, a Inglaterra era mais rica. Lembremos que a França por muito tempo teve um governo despótico, acolitado por uma corte frívola, perdulária e corrupta.

A burguesia inglesa, rica e pragmática, possuía capitais ociosos que empregou para financiar as novas invenções, as máquinas primitivas, que prometiam lucro, retorno certo para

seu capital. Assim, os inventores ingleses encontraram apoio junto à burguesia no financiamento de seus projetos. Os ingleses *James Hargreaves*, *Richard Arkwright* e *Samuel Crompton* foram os inventores que lançaram as bases da mecanização dos tecidos de algodão. *Thomas Newcomen* inventou a primeira máquina a vapor para bombear água das minas de carvão, abrindo assim o caminho para o seu emprego. Outro inglês, *James Watt*, em 1800, aperfeiçoou esta máquina, que passou a ser usada regularmente nas minas e nas fábricas inglesas. Estava iniciada a era da força motriz. A indústria têxtil exigia que as novas máquinas fossem feitas de ferro e não de madeira, o que fez com que a metalurgia se desenvolvesse. Foram ingleses os homens que desenvolveram este setor. *John Wilkson*, construtor de canhões, *Heruy Cort*, que inventou o laminador, muito concorreram com seus inventos para desenvolver a produção de ferro assim como melhorar sua qualidade.

Revolução nas Comunicações – A revolução industrial não se restringiu somente a um ou dois setores. Ela provocou também uma revolução nos meios de transporte e de comunicação. A aplicação da máquina a vapor como fonte de energia revolucionou os transportes. O inglês *George Stephenson*, em 1830, projetou e construiu a primeira estrada de ferro ligando as cidades de Manchester a Liverpool. A partir daí, os caminhos de ferro se espalharam por toda parte. A aplicação da máquina a vapor aos navios deveu-se ao americano *Robert Fulton* que fez o primeiro percurso de barco a vapor entre Nova York e Albany. Em 1840, o Atlântico Norte já era servido pelos navios movidos a vapor da companhia de navegação “Cunard Line”. O francês *Ampère*, em 1820 havia descoberto alguns princípios do eletromagnetismo. Vários homens se dedicaram a esse estudo, mas foi o americano *Samuel Morse* que, em 1844, construiu a primeira linha telegráfica, ligando Washington a Baltimore. O telégrafo foi uma invenção muito importante.

Coube igualmente a outro americano a invenção do telefone em 1876. *Alexander Graham Bell* realizou suas experiências coroadas de êxito por ocasião da feira comemorativa do

primeiro centenário da independência americana. *Guglielmo Marconi*, inventor italiano, em 1899, conseguiu transmitir uma mensagem telegráfica sem usar fios através do Canal da Mancha. A telegrafia sem fios abriu caminho para o rádio. Muito contribuíram para isto as pesquisas do alemão *Heinrich Hertz*.

A 2ª fase da Revolução Industrial – A partir de 1860 a Revolução Industrial tomou novo impulso. A Inglaterra já não era mais o único país industrializado. A RI estendeu-se pela Europa Ocidental (França, Bélgica, Alemanha, Itália, atingiu a Rússia e atravessou o Atlântico chegando à América). Nesta nova fase, pode-se assinalar um grande desenvolvimento da metalurgia com a invenção do processo *Bessemer* de produção de aço, fato que provocou a substituição do ferro pelo aço na fabricação de trilhos para as estradas de ferro, pontes e grandes construções. Outro fato importante foi a substituição do vapor pela eletricidade, graças à invenção do dínamo, máquina capaz de transformar a energia mecânica em energia elétrica.

A utilização do petróleo como fonte de energia foi outro fato importantíssimo. Em 1859 o americano *Edwin L. Drake* perfurou o primeiro poço de petróleo na Pensilvânia. O “Óleo dos Índios” como era conhecido, além do seu uso medicamentoso, passou a ser empregado como combustível sob a forma de querosene para uso dos lampiões. Em 1876, o alemão *Nikolaus Otto* inventou o motor de combustão interna. Algum tempo depois, outros dois alemães *Gottlieb Daimler* e *Karl Benz* aperfeiçoaram o motor a gasolina, e outro alemão *Maybach* aperfeiçoou o carburador, tornando possível o surgimento do automóvel. Finalmente, outro genial alemão, o Dr. *Rudolf Diesel* inventou um motor de combustão interna que o tem o seu nome. Não queima gasolina, mas óleo cru e é mais resistente que os outros motores.

Outros inventores concorreram para tornar possível a era do automóvel, *J. B. Dunlop* inventou o pneumático e *Charles Kettering* inventou o arranque automático, ambos americanos. Mas foi graças a *Henry Ford*, que a partir de 1908, se iniciou a fabricação do carro Ford modelo T, em modernas linhas de montagens, fato que tornou o automóvel acessível e popular.

A aviação é também uma conquista dessa época, vários homens se dedicaram ao estudo de um aparelho mais pesado que o ar e que voasse. *Santos Dumont* foi o primeiro a voar num aparelho desses. Sobrevoou Paris, em 1900. Posteriormente, *Bleriot*, aviador Francês atravessou o Canal da Mancha em 1909. Em 1911, *Prier* voou direto de Paris a Londres. Estava iniciada a era da aviação.

Finalmente, vale a pena lembrar uma das invenções mais importantes para o bem-estar do homem, a luz elétrica. As primeiras pesquisas se devem ao inglês *Hompfrey Davy*, mas foi o americano *Thomas Alva Edson* quem inventou a lâmpada incandescente em 1879. O austríaco *Nicolas Tesla* com seus estudos sobre a corrente alternada em 1890, tornou possível a iluminação das cidades.

A revolução científica

Como já dissemos, a RI possibilitou uma série de “revoluções” no campo da ciência e da cultura. Especificamente no campo da ciência, devemos assinalar que no século XIX foi marcante a decadência do Racionalismo e o desprestígio da Filosofia. A ciência com suas constantes conquistas, tornou-se a única fonte fidedigna de conhecimentos. Serão assinalados aqui alguns aspectos da Biologia e da Medicina.

A teoria da evolução: em 1809, o sábio francês *Jean Lamarck* publicou seu trabalho sobre a hereditariedade de caracteres adquiridos, em livro famoso, Charles Darwin, cientista inglês que visitou o Brasil em 1832, quando viajava a bordo do navio *Beagle*, publicou em 1859 o livro *Origem das Espécies*, expondo a sua teoria da seleção natural. Como é sabido, essa teoria provocou enorme celeuma nos círculos científicos e religiosos da época e exerceu grande influência no campo da Filosofia e da Ciência.

Weismann, *Hugo de Vries* e *Gregor Mendel* fizeram importantes contribuições neste campo. A Embriologia, com *Ernest Haeckel*, tornou-se um ramo da Biologia muito importante. O grande francês *Louis Pasteur* deu imensas contribuições à ciência. Combateu a teoria da geração espontânea e formulou a lei da

Biogênese, a teoria Microbiana e descobriu a vacina contra a hidrofobia em 1885.

Roberto Koch, médico alemão, descobriu o bacilo da tuberculose. Outro alemão, *Behring*, descobriu a antitoxina contra a difteria. Outros dois alemães, *Waismann* e *Paul Ehrlich*, identificaram o bacilo da sífilis e o tratamento para esse mal. No início do presente século, outro capítulo da medicina, a cirurgia, tinha já dado grandes passos.

No campo da Física os progressos também foram grandes. Vale a pena lembrar o nome dos físicos alemães *Henrich Hertz*, que estudou as ondas elétricas, e *Wilhelm Von Roentgen*, que, em 1895, descobriu o raio-X. *Madame Curie* descobriu o urânio em 1896 e o rádio, em 1898.

Em 1903, os físicos ingleses *Rutherford* e *F. Soddy* desenvolveram a teoria da desintegração dos elementos radioativos. Em 1910, *Rutherford* e *Niels Bohr* descreveram o átomo como sendo uma espécie de sistema solar em miniatura. Em 1904, o físico alemão *Max Planck* elaborou a teoria dos quanta. Finalmente, em 1905, outro alemão, *Albert Einstein*, publica sua teoria que estabelece uma nova concepção de matéria. Posteriormente, elaborou a Teoria da Relatividade que abalou o edifício da física tradicional.

A revolução cultural

No campo cultural, merece registro o surgimento, no século passado de novas ciências na área social. Lembremos a Sociologia, com os grandes mestres *Augusto Comte* e *Herbert Spencer*. Igualmente aparece a nova ciência denominada de Antropologia, que tem *Prichard* e *Taylor* como seus primeiros teóricos.

A Psicologia, criada na Alemanha por *Willen Wundt*, foi mais tarde desenvolvida pelo americano *William James*. O russo *Ivan Pavlov* desenvolveu a teoria do reflexo condicionado, que por sua vez originou a corrente conhecida como *Behaviorismo*, que goza ainda de grande prestígio. Outra escola psicológica também muito influente foi a da Psicanálise, fundada por *Sigmund*

Freud, em 1895. Trata-se de ciência que interpreta o comportamento do homem em função da sua vida mental. O consciente, o subconsciente e o inconsciente, desempenham um papel importantíssimo. Esta teoria tem exercido grande influência na literatura e nas artes.

No campo da Filosofia, especificamente, a teoria evolucionista de *Darwin* é uma das que mais se tem destacado. Citamos *Ernest Haeckel* e *Nietzsche*, ambos alemães, o primeiro cientista e o segundo, pensador. Em *Assim falava Zaratustra*, *Nietzsche* afirmava que é preciso liberdade para que a natureza atue, eliminando os mais fracos. Acreditava que esta seleção natural, ao eliminar os incapazes, terminaria por produzir uma raça de super-homens, embora que para isto ocorrer, fosse preciso afastar as restrições religiosas, ou seja, acabar com o Cristianismo e o Judaísmo. *Nietzsche* admirava as antigas virtudes germânicas da bravura, da força e astúcia. Definiu o bem como “tudo que eleva no homem o sentimento do poder” e enquanto o mal era “tudo que nasce da fraqueza”.

Na América, *William James* desenvolveu o pragmatismo. Não admirava a metafísica e achava que todo o conhecimento deveria servir como instrumento para melhorar as condições de vida do homem.

Finalmente, merece menção a corrente que achava que o homem devia buscar refúgio na torre de marfim da satisfação estética. *Walter Pater*, ensaísta e filósofo inglês, pregava que o mais alto consolo da vida era a contemplação das obras de arte, e que o homem deveria tentar compreender o espetáculo da vida que se desenrola a sua volta.

Na literatura, temos a assinalar a corrente literária do *Realismo*, substituindo o *Classicismo* e o *Romantismo*. Os escritores passaram a descrever a sociedade com seus dramas reais. *Balzac*, *Flaubert*, *Zola* e *Anatole France* na França; *Thackeray*, *Charles Dickens*, *George Bernard Shaw* e *H. G. Wells* na Inglaterra, legaram-nos uma grande obra. Na Alemanha; *Hauptmann* e *Thomas Mann*; nos EEUU, *Herman Melville*, e na Rússia, *Ivan Thurgueniev*, *Dostoievski* e *Tolstoi* premiaram-nos com suas obras-primas.

Nas artes, especialmente na pintura, o Realismo se firmou ao procurar transpor para as telas os tipos populares, homens do povo na sua luta pela sobrevivência. Na França, *Milliet* (O Angelus, O Semeador), *Daubert* e *Daumier*, pintaram as pessoas simples do povo. O Impressionismo, outra escola que muita influência exerceu, buscava pintar aquilo que via e impressionava o artista. *Monet* e *Renoir* em seus quadros, em vez de retratarem, sugeriram através dos contornos.

Na música, o Romantismo ao contrário do que aconteceu nas outras artes, permaneceu com vigor. *Schumann* e *Mendelssohn* foram dois grandes compositores românticos.

Chopin, falecido em 1849, e *Liszt* foram dois grandes pianistas e compositores sentimentais. *Richard Wagner* revolucionou a música e a ópera. Os russos *Tchaikovski* e *Rimski-Korsakov* explorando o folclore eslavo, deixaram à posteridade belíssimas composições.

Finalmente, a dança, uma das manifestações mais belas da arte, especificamente o ballet, teve um grande desenvolvimento no século XIX. Merece registro a apresentação, em 1913, em Paris, do famoso ballet russo, sob a direção de *Diaghilev* e *Nijinsky*, ao encenarem a “Sagração da Primavera”, de *Stravinski*, rompendo com a tradição e iniciando o ballet moderno.

A belle époque

Como vimos, os países da Europa Ocidental no começo desse século, mais propriamente por volta de 1914, eram senhores de uma cultura muito rica, herdeiros de um grande legado cultural. A Europa Ocidental usufruía um padrão de vida muito alto, tornado possível graças à Revolução Industrial.

Politicamente, estavam também evoluídos. Predominava neles o regime da democracia liberal, mesmo nos países monárquicos, como a Inglaterra e a Alemanha, onde os parlamentos funcionavam com independência e a imprensa era livre. A exceção era o império russo onde a Duma, ou seja, o Parlamento, era dominada pelo *Czar*.

A Europa também vinha gozando de um centenário período de paz. A última grande guerra que tinha envolvido o continente haviam sido as guerras napoleônicas. Depois disso, somente algumas guerras localizadas de menor importância. Economicamente, gozavam de um alto nível de vida. A exploração das colônias africanas e asiáticas, principalmente pelos ingleses, franceses, belgas, alemães e holandeses, proporcionava às metrópoles grandes lucros. A inflação praticamente não existia, assim como o desemprego. Respirava-se confiança nos meios bancários. Por outro lado, os avanços das ciências, especialmente da Medicina, tornavam confiante o homem comum na ciência para prolongar sua expectativa de vida. As novas descobertas e as novas invenções prometiam uma época de prosperidade contínua. Tudo isso fazia com que o homem comum passasse a crer e confiar na ciência humana como capaz de resolver todos os seus problemas. Por isso, os franceses denominaram de *Belle Époque* este feliz período cheio de prosperidade e de esperança que antecedeu a terrível guerra.

Essas ilusões foram destruídas quando da eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

De súbito, os homens despertaram desse sonho e viram que atrás desse oceano tranquilo de estabilidade política, econômica e social, borbulhava um oceano de lava incandescente, alimentada pela fermentação política existente na própria Europa. Além disso, o imperialismo militar das grandes potências na África e na Ásia, disputando terras e mercados consumidores e as próprias dissensões políticas na Europa, criaram o ambiente propício à guerra.

Finalmente, quando rompeu a guerra, os homens descobriram que a ciência, em que tanto acreditavam, iria ser posta não mais a serviço da vida, e sim da morte e da destruição. Foi uma grande decepção.

A guerra irrompida em agosto de 1914 foi a maior da história até aquela época. Foi a primeira guerra a envolver a Europa e os demais continentes, direta ou indiretamente, daí ser chamada de Guerra Mundial.

Quando terminou, em novembro de 1918, a Europa estava desfigurada. Grandes impérios estavam desfeitos: o Alemão, o Império Austro-Húngaro, o Império Turco, e o Grande Império Russo, transformado no primeiro Estado Socialista do mundo.

A França e a Inglaterra, os grandes vitoriosos, estavam debilitados economicamente.

Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos da América assumiram a liderança econômica e financeira do mundo. No Oriente, o Japão emergia como potência militar e econômica.

Na realidade, a Europa Ocidental deixara de ser a senhora do mundo.

Quando veio a paz, a Europa estava lamentando os milhões de mortos na guerra e outros muitos milhões de mutilados que necessitavam receber pensões do Estado. Cidades, aldeias e estradas destruídas. Crise econômica muito grande, desemprego, inflação, inquietação social, agitação sindical, propagação das idéias comunistas, rebeldia da juventude e revigoração do movimento feminista.

A velha Europa de antes da guerra estava mudada. A *Belle Époque* havia terminado.

A guerra: as causas subjacentes

Seguindo a forma tradicional, vamos analisar inicialmente as causas remotas e depois as causas imediatas. Dentre as causas remotas, começaremos pelas de ordem econômica.

• Causas econômicas:

Os estudiosos apontam como a principal causa econômica da guerra a *rivalidade industrial* entre a Inglaterra e a Alemanha. Como sabemos, a velha Albion foi o primeiro país a realizar a Revolução Industrial, e por muitos anos foi o único país a possuir fábricas, especialmente no setor têxtil e metalúrgico.

Como já dissemos antes, a partir de 1840, a Revolução Industrial propagou-se pela Europa Ocidental e dentro desses

países a Alemanha foi o país que mais rapidamente assimilou as novas técnicas. A Alemanha que até 1870 estava dividida politicamente entre vários estados, foi unificada em 1871, graças ao gênio político de *Bismarck* que uniu estes vários estados em torno da Prússia. Na galeria dos espelhos do Palácio de *Versailles*, *Bismarck*, para humilhação dos franceses derrotados, fez proclamar o Novo Império Alemão, o Segundo Reich, quando o Rei da Prússia tornou-se o Imperador de toda a Alemanha, ocasião em que os príncipes alemães tiveram de jurar obediência e lealdade ao novo imperador.

Após essa unificação, a Alemanha deu passos gigantescos no campo da economia. A reconhecida capacidade de trabalho e de disciplina de seu povo, sua natural tendência para as artes mecânicas e para a técnica, ajudados pela existência de amplas reservas de carvão e de minério de ferro em seu território e mais a ação estimuladora e enérgica do estado, fizeram com que seu processo de industrialização fosse extremamente rápido.

O parque industrial alemão levava vantagem de ser mais moderno do que o inglês, cujas fábricas na maioria eram do começo da Revolução Industrial. Em pouco tempo, os produtos industriais alemães conquistaram não só o mercado europeu, como o mercado mundial, graças a excelente qualidade de seus produtos. Em todo o mundo, a marca *Made in Germany* tinha absoluta aceitação.

Os ingleses passaram a sofrer a concorrência crescente dos produtos alemães nos seus mercados tradicionais (América do Sul, África e Ásia), e até mesmo dentro de suas colônias.

Às vésperas da guerra, o comércio exterior alemão atingiu 485 milhões de libras contra 530 milhões da Inglaterra. *As projeções previam que, por volta de 1920, a Alemanha suplantaria a Inglaterra.* A verdade é que a Alemanha era já a maior nação industrial da Europa. Estava na frente do mundo na manufatura de produtos químicos e dos equipamentos elétricos e científicos. Sua produção de ferro e carvão era maior do que o da Inglaterra e da França juntas. Esses dados alarmavam a elite inglesa, especialmente a burguesia industrial e os financistas, receosos de perderem suas posições dominantes no mundo.

Convém lembrar ainda a expansão marítima alemã que ameaçava a tradicional hegemonia marítima inglesa. Em 1913, o Lloyd de Norte Alemão e Hamburg-Amerika Linea estavam entre as maiores companhias de navegação do mundo. Em 1913, tinham lançado ao mar o maior navio do mundo: o Imperador.

Mas esse imenso crescimento econômico incomodava não somente os ingleses. *Franceses e russos* também olhavam, preocupados, a nova Alemanha.

Os franceses que tinham perdido a guerra Franco-Alemã de 1870, foram obrigados a ceder ao império alemão os territórios da Alsácia e da Lorena, esta última riquíssima em carvão e ferro, fato que concorria em muito para esse crescimento industrial.

A Estrada de Ferro Berlim-Bagdá – quanto aos russos, eles estavam assustados com os planos alemães para o Oriente próximo. Os alemães pretendiam construir uma estrada de ferro ligando Berlim a Bagdá. Lembremos que a ligação ferroviária Berlim-Constantinopla estava concluída e as equipes alemãs de engenheiros já assentavam trilhos no trecho Constantinopla-Adana-Alepo a caminho de Bagdá.

Ao se iniciar a guerra de 1914, já tinham sido assentados 600 quilômetros de trilhos no deserto. Os russos, que há muito ambicionavam avançar para o sul, dominar o Bósforo, controlar os Estreitos, se apossar de Constantinopla e do decadente Império Turco, o “grande doente da Europa”. A presença alemã na região era indesejável.

Este projeto alarmou também os ingleses, que olhavam desconfiados a presença alemã no Oriente próximo, junto aos poços de petróleo do Iraque e da Pérsia, controlados pelas companhias inglesas, e chegaram a antever nisso um perigo para o seu domínio nas Índias.

• As causas políticas:

Em 1914, às vésperas da guerra, o mapa político da Europa chamava à atenção pela existência de grandes impérios, a saber:

O **Império Áustro-Húngaro** – Era formado pela Áustria e a Hungria e mais Territórios que hoje compõem a Iugoslávia, a Bósnia-Herzegovina, a Croácia, a Macedônia e a Eslovênia. Mais para o norte, territórios que compreendem hoje a República Tcheca, a República da Eslováquia e uma parte da Polônia.

O **Império Russo** – Na época, seus limites englobavam a atual Finlândia, a Estônia, a Letônia, a Lituânia e Bielorrússia, a Ucrânia, a Moldávia e grande parte da Polônia.

O **Império Turco** – Apesar de ter perdido nas guerras balcânicas de 1912 e 1913 quase todas as suas terras na Europa, possuía ainda imensas terras no Oriente próximo. Por isso, e pela sua estratégica posição no Bósforo, desfrutava ainda certo prestígio.

O **Império Alemão** – Sua área na época alcançava territórios da Polônia, especialmente no litoral do Báltico.

O **Império Britânico** – O maior do mundo, compreendendo possessões em todos os continentes.

Continuando a desenvolver o assunto, abordamos as causas políticas da Primeira Guerra Mundial. Descreveremos abaixo algumas de suas manifestações:

O **PANGERMANISMO** – movimento que preconizava a superioridade da raça e da cultura alemã sobre os demais povos da Europa. Seus ideólogos afirmavam que os alemães desde os tempos dos romanos, quando derrotaram as legiões de Roma, foram sempre guerreiros e dominadores. Pregavam, portanto a expansão do império alemão que deveriam incorporar todos os povos teutônicos da Europa central. A Polônia (até Varsóvia), Áustria, Suíça, Dinamarca, Holanda e Luxemburgo. Defendiam também a criação de um grande império colonial na África e na Ásia. Filósofos achavam que os alemães estavam predestinados a dirigir as raças inferiores devido a sua superioridade cultural e étnica. Havia também um sentimento anti-sionista.

Embora o pangermanismo provocasse muito estardalhaço e agitação nos meios intelectuais, para a grande maioria dos alemães não era levado muito em consideração.

O **PAN-ESLAVISMO** – Este movimento pregava a união de todas as populações eslavas da Europa. Era incentivado pela Rússia e se contrapunha ao pangermanismo alemão. São Petersburgo instigava as populações eslavas que viviam nos territórios dominados pela Áustria e a Turquia a se revoltarem, prometendo-lhes que a “Mãe Rússia” os protegeria e ajudaria.

O **PLANO DA GRANDE SÉRVIA** – Movimento que pretendia reunir povos que habitavam as regiões que pertenciam aos impérios Turco e Austro-Húngaro para formarem a Grande Sérvia. Quando em 1908, a Áustria anexou a Bósnia e a Hezergovina, a Sérvia sentiu-se muito prejudicada nos seus planos de engrandecimento. A partir daí, o movimento voltou-se totalmente contra a Áustria. Disso resultou uma série de conspirações, a última das quais redundando no famoso atentado de Sarajevo, causa imediata da Primeira Guerra. É bom lembrar que a Rússia dava cobertura a estes movimentos através do Pan-Eslavismo.

O **REVANCHISMO FRANCÊS** – É importante lembrar que na guerra de 1870, a França foi derrotada pela Alemanha. Paris foi ocupada e Bismarck proclamou o Império Alemão, o 2º Reich, na galeria dos espelhos do Palácio de Versalhes. Os franceses tiveram que ceder a Alsácia e a Lorena e pagar uma grande indenização em ouro para que as tropas alemãs se retirassem. Franceses desejavam a desforra, a revanche. O orgulho militar francês foi duramente atingido e a honra nacional exigia o despique. Este sentimento pesou muito na política e na diplomacia francesa. Poincaré dizia que para os de sua geração a revanche era o objetivo. Sem ela não encontravam motivo para viver.

As **ALIANÇAS MILITARES** e a **PAZ ARMADA** – O sistema de alianças militares foi um dos fatores que mais contribuíram para perturbar as relações entre os estados. Sistema terrível, foi fonte constante de suspeitas e medo, terminando por colocar o continente europeu numa situação de paz armada. O resultado de todo este movimento diplomático foi a formação de dois grandes blocos militares:

A **Tríplice Entente** (Entente Cordiale) – 1907. Neste ano, a França, a Inglaterra e a Rússia firmaram uma aliança militar que

visava, sem dúvidas, o império alemão. Vale a pena lembrar que, para firmá-la, a Inglaterra e a Rússia acordaram em dividir sua influência na Pérsia e em outros territórios do oriente próximo.

A Tríplice Aliança – Para fazer frente à Entente Cordiale, a Alemanha buscou firmar uma aliança com o Império Austro-Húngaro e a Itália. A sua posição tomou-se incômoda, pois na eventualidade de uma guerra, teria que lutar em duas frentes, fato que realmente aconteceu.

As Crises Internacionais - A partir do início desse século, o continente europeu viveu graves crises que quase redundaram em guerra. Foram necessários grandes esforços diplomáticos para evitar o desastre.

A causa imediata da guerra: o incidente de Sarajevo (28 de junho de 1914)

Nessa data, foi assassinado o Arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa, a Arquiduquesa. Ele era o herdeiro do Império Austro-Húngaro, um dos cinco maiores impérios da Europa. Lembremos que esse Império era governado na época pelo Imperador Francisco José que contava 85 anos de idade e sua morte era esperada a qualquer momento. Sarajevo era a capital da província da Bósnia. Juntamente com a Herzegovina tinha sido anexada pela Áustria, em 1908. O fato provocou muitos protestos, especialmente da Sérvia que desejava para si estas províncias. A partir daí as conspirações contra o Império Austro-Húngaro se intensificaram. Várias sociedades secretas participavam, destacando-se a famosa *Naradvaobdrana* que lutava pela criação da “Grande Sérvia”.

Lembremos que a península dos Balcãs sempre foi uma região explosiva, por isso alcunhada de “Barril de Pólvora da Europa”. Ainda nos dias de hoje a região é palco de lutas e a cidade de Sarajevo é citada na imprensa.

O Arquiduque Francisco Ferdinando era um homem inteligente, capaz de realizar reformas políticas quando assumisse o poder. Estava em seus planos transformar o Império Austro-Hún-

garo de Império Dual (Áustria e Hungria) em um Império Trial (Austro-Húngaro e Eslovo).

Ora, era isso que os Sérvios temiam. Achavam eles que esta reforma agradaria as populações eslavas do Império e eles então se acomodariam ao jugo austríaco. Era preciso, portanto, evitar que o príncipe assumisse o poder.

Optaram pela sua eliminação física.

O Arquiduque e a Arquiduquesa estavam em visita a Bósnia e foram avisados da possibilidade de manifestações hostis contra sua presença. Ao chegar a Sarajevo houve o primeiro atentado, este a bomba, que feriu várias pessoas. Instado a suspender a visita oficial o Arquiduque recusou e prosseguiu com o programa. Pouco depois, um estudante, saindo do meio da multidão, acercou-se do coche real e disparou seu revólver contra o casal, matando o Arquiduque e sua esposa.

O estudante estava ligado aos grupos nacionalistas eslavos, especialmente à Sociedade Secreta "Mão Negra". O acontecimento abalou a Europa e o mundo.

Logo após o atentado, a Áustria fez um protesto indignado contra a Sérvia, enviando um ultimato, exigindo uma série de medidas como a prisão de todos os suspeitos, o fechamento de jornais anti-austríacos, a dissolução das sociedades secretas e a participação de oficiais austríacos na apuração dos fatos.

Os termos deste ultimato foram quase todos aceitos pela Sérvia, menos a presença de oficiais austríacos no inquérito.

A atitude das grandes potências diante do incidente de Sarajevo

Nesse momento tornou-se muito importante a atitude de cada país. Como sabemos, a Europa vivia num estado de paz armada com as grandes potências presas a alianças militares. Vamos ver como reagiu cada país.

O **Império Alemão**: ele era aliado do Império Austro-Húngaro. Passada a indignação inicial, o Kaiser achou que a Sérvia devia ser punida, mas que não havia motivo para uma

guerra total. Não determinou nenhuma medida neste sentido nem fez nenhuma ameaça.

O **Império Austro-Húngaro**: indignada com o assassinato do príncipe herdeiro, a Áustria não ficou satisfeita com as explicações dadas pela Sérvia. Mobilizou seu exército e a Sérvia fez o mesmo. Os acontecimentos então se precipitaram. Em 28 de julho, a Áustria declara guerra à Sérvia. Por um breve momento julgou-se que haveria apenas uma pequena guerra localizada entre a Áustria e a Sérvia. Foi então que as coisas se complicaram com a atitude da Rússia.

O **Império Russo**: foi de capital importância a atitude da Rússia. Invocando o *Pan-eslavismo*, fez uma série de providências, preparando o país para a guerra: cancelou as licenças dos oficiais; recolheu as tropas aos quartéis; passou a acumular estoques de alimentos.

Em 29 de julho o Ministro do Exterior, Sazonov e a clique militar russa que desejava a guerra como saída para os problemas internos, persuadiram o Czar a decretar a mobilização geral. O Czar vacilou, mas diante da imensa pressão, cedeu e assinou a ordem.

O **Conceito de Mobilização**: é importante lembrar que na doutrina militar da época, quando o país decretava a mobilização, a guerra era iminente. Quando os russos mobilizaram seu imenso exército, os alemães se alarmaram! Eles temiam ter que lutar em duas frentes: contra os russos e contra os franceses. A Europa ficou agitada.

A Alemanha deu então um ultimato à Rússia para que cessasse sua mobilização dentro de 12 horas. Caso contrário haveria um estado de guerra entre os dois países.

O governo russo não voltou atrás. Dizem que o Czar estava prisioneiro dos falcões e dos comerciantes que esperavam ganhar dinheiro com os grandes fornecimentos para o exército.

A Alemanha então declarou guerra à Rússia. A França mobilizou seu exército no dia 3 de agosto e a Alemanha declarou guerra a ela também.

Quanto à Inglaterra, sua posição no início dos acontecimentos foi de reserva. Sua tradicional política de não participar muito dos assuntos europeus fez com que ela se mantivesse muda, embora presa por tratados à França e à Rússia. Quando os alemães invadiram a Bélgica para alcançar a França, os ingleses se alarmaram e se decidiram pelos seus aliados.

Vamos rever aqui a marcha dos acontecimentos:

- 28 de junho - O atentado de Sarajevo.
- Mês de julho - Manobras diplomáticas procurando evitar a guerra.
- 28 de julho - A Áustria declara guerra à Sérvia.
- 29 de julho - A Rússia decreta a sua mobilização geral.
- 30 de julho - Ultimato alemão à Rússia.
- 1º de agosto - A Alemanha declara guerra à Rússia.
- 3 de agosto - A Alemanha declara guerra à França.
- 4 de agosto - A Inglaterra declara guerra à Alemanha.

Quem foi o culpado da guerra?

Os historiadores concordam que nenhuma nação isoladamente foi culpada (Sérvia, Áustria, Rússia, Alemanha e Inglaterra), pois nenhuma queria a guerra, mas todas contribuíram com sua parte. As verdadeiras causas foram a competição capitalista por mercados e matérias-primas, os ódios seculares entre as nações e a política das alianças militares.

O relato factual da guerra

Um trabalho abreviado como este não cabe fazer este relato. Isto é matéria da História Militar, mas abordaremos aqui alguns dos episódios mais importantes do início desta terrível guerra.

É importante lembrar que as batalhas travadas nos primeiros 45 dias, foram decisivas para determinar o curso de toda guerra e mesmo os termos da paz, quatro anos depois.

Os planos de ação militar

Cada país possuía seus planos militares, elaborados pelos seus estados-maiores. Relataremos aqui o alemão. O plano alemão (o plano Schlieffen) foi elaborado em 1908 pelo general do mesmo nome (*Conde Affred Von Schlieffen*) e preconizava uma rápida ação alemã no oeste, cerca de 6 semanas após o qual os franceses deveriam estar derrotados e os alemães prontos para se voltar, então, para o leste a fim de enfrentarem o grande exército russo. O plano previa a luta em duas frentes: a ocidental, a ser travada na França e a frente oriental, a ser travada na Prússia ou na Polônia.

A marcha dos acontecimentos: o início das hostilidades → a frente ocidental

No dia 1º de agosto, após declarar guerra à Rússia, o comandante geral alemão, general *Von Moltke*, ordenou que as tropas alemãs partissem contra a França. A Bélgica foi invadida, não se respeitando a sua posição de neutralidade.

As forças alemãs avançaram com ímpeto irresistível. Liege foi tomada no dia 16 de agosto e a capital, Bruxelas, no dia 20. As forças francesas e inglesas foram batidas (a Batalha de Charleroi: 14 e 15 de agosto) e os alemães avançaram pelo norte da França.

A arrancada alemã até o Marne, no quente verão de 1914, representou uma demonstração de poderio militar que o mundo poucas vezes viu. Cumprindo o *Plano Schlieffen*, as forças alemãs estavam divididas. Cinquenta divisões avançavam pelo norte da França, procurando capturar os portos franceses e depois investiam sobre Paris, onde esperavam derrotar o grosso do exército francês.

A ala central do exército alemão, composto de 10 divisões, tentaria fixar o inimigo em torno de Verdun. Finalmente a ala esquerda alemã, composta de outras 10 divisões se desdobraria ao longo da fronteira. Como já dissemos, o *Plano Schlieffen*

previa uma rápida decisão militar, no oeste, contra as tropas francesas e inglesas, porque na frente leste os russos teriam que ser enfrentados e seu exército era o mais numeroso da Europa.

Como já dissemos, a ala direita do exército alemão (50 divisões) avançou celeremente empurrando as tropas francesas e fechando a cunha sobre Paris. Chegaram a vinte e dois quilômetros da cidade. Mas o destino interveio e o plano não pôde ser cumprido.

A Frente Oriental – Os russos surpreendentemente conseguiram mobilizar seu imenso exército em uma semana. Esperava-se que só conseguissem em 3 semanas. No dia 10 de agosto, dois grandes exércitos russos atravessaram a fronteira russo-alemã e avançaram sobre a cidade de Koenisberg.

Com as suas melhores tropas na França, o império alemão se viu terrivelmente ameaçado. Em Berlim ouviu-se o brado: “Os russos estão às portas”. Ante o perigo iminente, o alto comando alemão resolveu adotar providências enérgicas: deter a ofensiva na França e transferir 20 divisões para a frente oriental. Para transferi-las, mais de 600 vagões foram requisitados, a fim de transportar este exército.

A Batalha de Tannenberg (26 a 29 de agosto) – O imenso contingente russo formava o primeiro e o segundo exército. O primeiro exército era comandado pelo general *Pavel Renenkampf* e o segundo pelo general *Alexandre Samsonov*. Eles invadiram a Alemanha através da Prússia. O comandante alemão da área, general *Pritwitz*, ordenou a retirada de suas tropas, mas o seu chefe de Estado Maior, o coronel *Max Hoffmann*, desobedeceu a esta ordem e preparou a defesa. Diante da situação, o chefe de Estado Maior alemão, *Von Moltk*, destituiu *Pritwitz* do comando e convidou dois famosos generais para enfrentar os russos: o general *Erich Ludendorff* e *Von Hinderburg*, ambos recentemente vitoriosos na campanha da Bélgica.

É importante assinalar que as tropas do exército alemão estavam em desvantagem frente aos dois exércitos russos, mesmo depois de receberem os reforços vindo da França. Mas *Ludendorff* e *Hinderburg* estavam à altura dos acontecimentos.

Organizaram as forças alemãs e atraíram o segundo exército russo para uma posição desfavorável. Dizem alguns historiadores que eles aceitaram o plano que o coronel *Max Hoffmann* tinha elaborado para enfrentar os russos.

Travou-se então uma terrível batalha que resultou numa vitória histórica para os alemães. O segundo exército russo foi completamente destruído com imensas perdas humanas. O seu comandante, general *Samsonov*, suicidou-se.

Continuando a ação, *Hindenburg* e *Ludendorff* enfrentaram e venceram o primeiro exército russo (Batalha do Lagos Mansurianos: 26 a 29 de agosto). O perigo russo foi afastado. A frente oriental ficou consolidada. Esta vitória alemã transformou *Ludendorff* e *Hindenburg* em duas lendas vivas do militarismo alemão.

Mas o sacrifício russo não foi em vão. As tropas que foram retiradas da França causaram uma grande falta na frente ocidental, como veremos a seguir.

Os vencedores da histórica Batalha de Tanenberg e Generais *Von Hindenburg* e *Ludendorff*. Tornaram-se símbolos do militarismo alemão.

A retirada das divisões alemãs para o “front russo” enfraqueceu muito o ímpeto de sua ofensiva. Os franceses e os ingleses compreenderam que o dispositivo alemão estava enfraquecido e resolveram contra-atacar. Travou-se então uma grande batalha, ao fim da qual os alemães foram detidos no seu avanço e, mais ainda, obrigados a recuar até o rio Aisne.

Esta batalha foi importantíssima porque deteve o avanço alemão e salvou Paris.

A batalha de Ypres (14 de novembro)

Em novembro, os alemães refeitos da ofensiva francesa, fizeram nova tentativa de tomar os portos franceses do Canal da Mancha, a fim de cortar o caminho das comunicações e provisões que vinham da Inglaterra.

Perto da cidade de Ypres, ocorreu a violenta batalha entre os alemães e os ingleses. Os alemães foram, mais uma vez, detidos.

A guerra de trincheiras – o fim da guerra e o Tratado de Versailles (1919)

A partir dessa batalha a guerra tomou outra feição: tornou-se estática. Cada exército cavou profundas trincheiras e preparou-se para enfrentar o inverno. Pensou-se no começo que esta situação só duraria até a primavera, mas ela persistiu por quatro longos anos na frente ocidental, causando um grande sofrimento físico e moral aos soldados de ambos os exércitos. Ao término dela, novembro de 1918, com a rendição incondicional do exército alemão, a velha Europa está semi-destruída, empobrecida. O Tratado de Versailles (1919), em lugar de traçar planos de uma nova ordem mundial mais justa, foi o instrumento de vingança contra os derrotados (Alemanha e Áustria). Ele foi uma das causas das outras crises que terminaram por provocar a segunda guerra. Outra consequência da guerra foi a derrubada da monarquia russa e o surgimento do primeiro Estado Comunista da história, fato de imensas consequências.

Todas essas reflexões históricas acodem ao nosso espírito, hoje quando registramos os noventa anos do início dessa guerra que foi seguramente, o acontecimento mais importante do século XX.

Referências bibliografia

- Edward McNail Burns - A história da civilização ocidental Ed. Globo - 1987-1044p.
Enciclopédia do Reader's Digest - Os grandes acontecimentos do século XX - 1979 - 527 p.
Eric Hobsbawm - A Era dos Extremos - O Breve Século XX - Companhia das Letras - 1996 - 596 p.

José Edenizar Tavares de Almeida - A primeira guerra mundial - Separata - Escola Comando do Exército - 1967 48p.

KEEGAN, John. História ilustrada do século XX. Editora Renes, 1976, 180p.

MEC - Atlas Histórico Geográfico - 1986 - 52p.

(Palestra proferida na sessão de 21 de junho de 2004).